

FILOSOFIA, LÓGICA E LITERATURA

Felipe Mettitier¹

Islan Alves²

Zeliseu Mota Ribeiro³

“Já trazes ao nascer a tua filosofia.
As razões? Essas vêm posteriormente,
Tal como escolhes, na chapelaria,
A fôrma que mais te assente...”
Mário Quintana

Atualmente, o caráter quase epistemológico da investigação filosófica parece distanciá-la da melodia lírica presente na literatura. As discussões prosaicas apresentadas na “Apologia de Sócrates”, escrita por Platão, exemplificam esse embate. Nela lemos: “*O mesmo me parece acontecer com os outros poetas; e também me recordo de que eles, por causa das suas poesias, acreditavam-se homens sapientíssimos ainda em outras coisas, nas quais não eram.*”⁴ Contudo, não se pode esquecer que a arte possui íntima relação com o saber, tanto para os crentes na inspiração quanto para os que confiam na construção racional da cultura das letras. Afinal, há na filosofia alguma ligação com a poesia? Se somos tentados a rejeitar enfática e automaticamente essa ideia, como explicaremos a filosofia que brotou de versos, como no poema “Acerca da natureza”, de Parmênides, ou o romance Confissões, de Agostinho, que mistura questões existenciais com textos de elevada beleza que transcende os tempos. É sobre isso que há de se tratar esse breve artigo: a irmandade da literatura e filosofia ou a sua inegável incompatibilidade.

Para compreender melhor a discussão, convidemo-nos a uma viagem nos tempos, mais precisamente aos tempos prévios a Sócrates, tempos da filosofia nascente e das discussões cosmológicas. Primeiramente, tomemos por compreensão o surgimento da filosofia como uma criação dos gregos, isto é, um salto de confiança racional que permitiu o afastamento do mito para buscar o logos e, nela, a sophia. Os mitos eram cantados pelos rapsodos nos banquetes e

¹ É natural de Limeira-SP, bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pelo Instituto Superior de Ciências Aplicadas, foi supervisor de programas culturais e atualmente é seminarista da Diocese de Limeira e cursa Filosofia na PUC-Campinas.

² É natural de Coremas-PB. Atualmente é religioso da congregação Oblatos de Maria Imaculada, é acadêmico de filosofia na PUC - Campinas.

³ É natural de São João do Paraíso-MG, tem o ensino médio, atualmente é seminarista pela diocese de Limeira e cursa filosofia na puc Campinas.

⁴ Versão eletrônica do livro “Apologia de Sócrates” Autor: Platão - Créditos da digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia) Homepage do grupo: <http://br.egroups.com/group/acropolis/> P. 9

lugares públicos da Grécia Antiga, os feitos, primeiro dos heróis, depois dos deuses, eram transmitidos propriamente pela arte. Os pregadores pagãos eram os poetas, Homero e Hesíodo provam, em suas epopeias, o vínculo sobrenatural entre as deidades e os homens inspirados. Tal mentalidade perdurou ao longo dos séculos, como podemos ver na retomada renascentista dos ideais gregos e nas invocações à Musa. Todavia a filosofia parece não sobreviver junto de deuses e linguagens figuradas, uma vez que surgiu exatamente em contraposição a isso.

Outro ponto que ganha enorme importância para a discussão é a crítica feita por Platão à poesia epopeica. Em sua República, lemos nas palavras atribuídas a Sócrates duras críticas aos poetas por sua concepção de justiça e exaltação de homens injustos como felizes: “[...] *seríamos obrigados a dizer que os poetas e os prosadores proferem os maiores disparates acerca dos homens, quando afirmam que, em sua maioria, as pessoas más são felizes e as boas, mal-aventuradas; que a injustiça, quando praticada às escondidas, é útil.*”⁵ Porém, o mesmo Platão, em seu Banquete, apresenta momentos de elevada poesia na apresentação de suas ideias. Fica evidente que a crítica maior é em relação a moral dúbia das epopeias de Homero e Hesíodo - o primeiro poeta louva Ulisses como o “saqueador de cidades” - e não um ataque a poesia em si.

Aristóteles, por sua vez, tem um livro inteiramente dedicado ao assunto, a Poética. O livro, ao contrário dos escritos platônicos, não visa trazer críticas a poetas e rapsodos ou fazer um juízo sobre os textos existentes, trata-se mais de uma análise profunda sobre a arte, de modo especial as tragédias e comédias teatrais, apresentando-a como imitação (*mimesis*) e dando instruções para uma boa e sólida construção. No decorrer dos séculos, uma parte do livro se perdeu, o que estaria escrito nas páginas ignoradas pelo tempo é nesse momento irrelevante para nós, o que é de suma importância para nossa compreensão é que o filósofo deseja orientar e estudar a arte, deixando evidente a crença que possui em sua importância cultural e, se temos a cultura como tudo o que foi criado pelo homem, também a influência poética na construção e transmissão dos pensamentos.

Uma vez que vimos a relação, por vezes amorosa, por outras conflituosa, da filosofia com as artes literárias. Analisemos de uma ótica diferente, que possamos agora folhear os livros ao longo da história e buscar a influência da filosofia em algumas obras ao longo dos tempos. A filosofia constitui-se de um campo muito abrangente por si só. Portanto, limitemo-nos a início ao campo lógico.

⁵ PLATÃO. A República. Livro III. http://www.eniopadilha.com.br/documentos/Platao_A_Republica.pdf
Acessado dia 13/11/2019. P. 108.

A palavra lógica tem por etimologia a palavra *lógos* que significa, palavra, proposição, oração ou pensamento. Assim a lógica trata de forma especial sobre a construção dos pensamentos. Em seu *Organon*, Aristóteles afirma que ela é o caminho para se atingir a verdade. De fato, nosso raciocínio, principalmente o moderno e ocidental no qual estamos inseridos, bebeu muito das fontes da filosofia grega, a qual atravessou gerações, línguas e povos e se espalhou em todos os campos. Assim, há na estruturação linguística e gramatical, uma presença forte dos elementos propriamente lógicos. Ora, nenhum outro campo abrange de forma mais satisfatória linguística e gramática que a literatura.

Iniciemos com os escritos em prosa. Os romances, contos e crônicas, para que sejam bem entendidos, devem respeitar uma estrutura linear que apresente um começo, um desenvolvimento e um fim. Essa forma de escrita podemos categorizar como uma estrutura lógica de construção. Algumas obras, principalmente a partir da queda do romantismo e ascensão realista, tentam, como recurso, a mudança dessa estrutura, como por exemplo os esquemas de digressões presentes em Machado de Assis, ou o início de um de seus livros começar pela morte de seu protagonista-narrador, como lemos em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Contudo, de certa forma, em um ponto ou outro, as chaves de leitura, objetivamente ou não, induzem o leitor a construir pontos de ligação que fazem da história novamente um todo coeso, significativo e lógico. A escrita lírica, principalmente anterior ao período modernista, apresentava normas rígidas de métrica e rimas, a semelhança das construções silogísticas com estruturas decassílabas de rimas contadas são evidentes. Ser poeta de certa forma, exige um domínio técnico da razão.

Outros pontos de convergência entre a lógica e as aventuras dos livros não se encontram na estrutura textual, nem em seus gêneros, mas sim no seu conteúdo. Para compreendermos melhor essa comparação, separemos três coisas próprias da lógica que, de certa forma, encontramos na literatura: o uso de símbolos, a *reductio ad absurdum* e os dilemas.

Símbolos são representações de algo por algo semelhante, uma espécie particular de signo, dependente de uma interpretação através da cultura e semelhança. Caso nunca tenha sido dito, ouso proferir que escrever é exercer a arte das analogias. Que são as analogias senão símbolos utilizados para refletir realidades maiores? Assim como a expressão simbólica é utilizada para a explicação dos conceitos universais partindo dos exemplos particulares, a analogia parte de coisas simples - não raras vezes naturais - para representar coisas de extrema complexidade como sentimentos, dores, pensamentos, planos etc.

A *reductio ad absurdum* (redução ao absurdo) trata-se de aceitar um argumento contrário até provar que ele é inviável, ou seja, absurdo. Aproveitando também da analogia,

poderíamos muito bem compreender essa aceitação de contrários na literatura, não apenas nos esquemas de antíteses barroco, mas também em cada história, sobretudo nas românticas que apresentam uma disputa de um protagonista e um antagonista. Disso nasce os clichês dos conhecidos vilões que devem representar a oposição total ao herói, se este é belo, destemido e leal, aquele é grotesco, covarde e traiçoeiro. Com o passar dos anos e a visão psicológica do ser humano foi tornando as personagens mais passíveis de erro e bondade, como se apresentam ainda de forma recorrente após o realismo. Ainda assim, as representações antagônicas são vitais para a criação de um vínculo emocional com os participantes das histórias e poemas.

Por fim, exporemos o dilema, pois talvez seja a representação lógica mais recorrente nas obras das belas letras, uma vez que é evidentemente recorrente na existência humana. Desde os primeiros escritos homéricos, até a atual arte vulgarizada das novelas televisivas, são os dilemas que movem as personagens e geram empatia com o leitor. Exemplifiquemos com o famoso dilema de Hamlet; na obra de Shakespeare, o príncipe dinamarquês que dá nome à peça vê-se entre duas opções verdadeiramente trágicas: ou atender ao pedido de vingança movido pelo fantasma de seu pai, morto em uma terrível traição, ou ter de viver junto de sua mãe e de seu tio, traidores que mataram seu pai. Disso nasce a famosa frase do Ato III, Cena I, replicada pelos séculos e sempre atual - como são os dilemas - a qual Hamlet lamenta: *“Ser ou não ser, eis a questão? O que é mais nobre para a alma: suportar os dardos e arremessos do fado sempre adverso, ou armar-se contra um mar de desventuras e dar-lhes fim tentando resistir-lhes?”*⁶ Qual opção seria menos trágica, morrer pela vingança ou viver sem sentido?

Com essa breve explicação, buscamos ver que as irmãs literatura e filosofia, não estão distantes, mas tão ligadas que por vezes são confundidas. Não deveríamos esperar algo diferente disso, pois a filosofia nos pede a razão e a literatura nos pede o coração. Da mesma forma como há uma dependência vital do cérebro com o coração, há também uma dependência da busca da verdade com as letras, os versos, as rimas. Portanto, não convém separar a razão e emoção, pois se assim fizermos negamos uma parte da existência humana e, quem nega uma parte do homem, nega-o por inteiro. Assim, viva a poesia dos filósofos e a filosofia dos escritores!

⁶ SHAKESPEARE, William. A trágica história de HAMLET, príncipe de Dinamarca. Ed. Ridento Castigat Mores. Versão para eBook: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/hamlet.pdf>. Acessado em 13/11/2019. P. 81.

BIBLIOGRAFIA

Versão eletrônica do livro “**Apologia de Sócrates**” Autor: Platão - Créditos da digitalização:

Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia) Homepage do grupo:

<http://br.egroups.com/group/acropolis/> P. 9

PLATÃO. **A República**. Livro III.

http://www.eniopadilha.com.br/documentos/Platao_A_Republica.pdf Acessado dia 13/11/2019. P. 108.

SHAKESPEARE, William. **A trágica história de HAMLET**, príncipe de Dinamarca. Ed. Ridento Castigat Mores. Versão para eBook: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/hamlet.pdf>. Acessado em 13/11/2019. P. 81.